

RESUMO EXPANDIDO

I Colóquio de Estudos Atmosféricos Leituras sobre climas, humores e atmosferas nas Humanidades

24 e 25 de março de 2025, Niterói, RJ, Brasil

Clima de revolta: o signo e a tradução de humores

Tiago Segabinazzi¹

Unisinos, São Leopoldo, RS

1 INTRODUÇÃO

Durante os primeiros meses da pandemia do coronavírus, bastou o signo da suspeita de que poderia faltar papel higiênico para que a surpreendente providência coletiva tratasse de tornar o item realmente escasso nas prateleiras dos mercados. Há situações em que a realidade é altamente suscetível à especulação de determinadas mensagens, sem importar quão “verdadeiras” elas sejam – ou ainda “não sejam”. Nesses momentos, é como se houvesse no ambiente coletivo algum tipo de névoa altamente inflamável, mas que só é perceptível ao entrar em chamas. Cada situação forma sua própria nuvem, de composição química diferente – e que por isso apenas pode ser acesa pela faísca produzida do exato material ao qual aquela substância nebulosa é sensível.

Um signo que atende e acende a opinião pública em polvorosa: uma notícia falsa não é, também, uma *tradução* da realidade?

O objetivo desse texto, que deriva de um projeto de tese de doutorado em andamento², é discutir como signos se relacionam e se aproveitam do ambiente de humores de uma determinada situação – aqui, analisamos as enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em maio de 2024. Desse evento emergiu também

¹ Doutorando e mestre em Ciências da Comunicação no PPGCC da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Jornalista e Radialista pela Universidade do Vale do Taquari - Univates. Autor de *Facada news: pós-verdade e notícias falsas* no Twitter em torno do atentado a Bolsonaro (Fafich/Selo PPGCOM/UFGM, 2021). E-mail: tiagosegab@gmail.com

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

uma série de postagens, informações equivocadas, interpretações mesquinhas e notícias falsas. Após desmentidos, erratas, verificações e checagens de fatos, a água baixou e uma ideia se manteve bastante assentada entre os gaúchos: no momento do perigo, é “o povo pelo povo”.

2 “ISSO A GLOBO NÃO MOSTRA”

Com pouca assistência do poder público em meio às consequências da catástrofe climática, a população da região metropolitana de Porto Alegre teve que contar com a colaboração de voluntários, doações da sociedade civil e campanhas de arrecadação – algumas delas desviadas pelos seus organizadores.

Como o alto volume de chuvas atingiu quase todo o território do Rio Grande do Sul, a maior parte dos gaúchos estava mobilizada pela urgência da situação – foi o suficiente para causar uma revolta devido à Rede Globo transmitir, no dia 05 de maio de 2024, o show da cantora Madonna na praia de Copacabana durante a tragédia.

Seus jornalistas, e também os de outras emissoras, foram hostilizados enquanto faziam reportagens nos locais atingidos. Um dos principais momentos dessa indignação foi protagonizado pelo influenciador Pablo Marçal, que compartilhou uma notícia falsa de que caminhões com doações às pessoas atingidas estavam sendo retidos por falta de nota fiscal. O SBT fez uma matéria no dia 07 de maio e entrevistou um caminhoneiro, sem mostrar seu rosto, que teria sido multado.

Na GloboNews, a jornalista Natuza Nery desmentiu o caso a partir de informações do Governo Federal sobre as notas fiscais e afirmou que as notícias falsas eram impulsionadas por Marçal – que também alegou que helicópteros eram impedidos de levar medicamentos aos gaúchos. Como resposta, ele subiu o tom, citou a reportagem do SBT e acusou a apresentadora da Globo de tentar defender o governo, de persegui-lo e de estarem mexendo com o povo – com o povo errado. Enquanto os voluntários estavam dentro da água, Marçal disse, “você estavam no ar-condicionado”, “transmitindo o show daquela pornográfica”, “um ritual satânico”. Ele incitou seus seguidores a enviar mensagens para que ela lhe pedisse desculpas e a denunciar o bloqueio que o governo fazia.

Figura 1: Postagem com vídeo do influenciador na página canal_patriota, 2024.



Fonte: Instagram, 2024.

Devido a inconsistências de apuração, a reportagem do SBT saiu do ar após algumas horas e a emissora emitiu uma nota de esclarecimento. Porém, o efeito dessa informação, acoplado aos afetos daquele evento, não desapareceram com a mesma velocidade. Outras pessoas passaram a compartilhar vídeos afirmando que estavam sendo impedidos de levar ajuda ao Rio Grande do Sul – tal qual Pablo Marçal havia solicitado. Entretanto, eram também informações falsas.

Apesar desses conteúdos também terem sido desmentidos e constatados como desinformação, havia um *humor* que os tornava verdadeiros. A revolta contra o governo e contra a Globo fazia com que o que não era factual se tornasse óbvio, ao traduzir “o que todos sabiam e sentiam”. Esse ambiente deu verossimilhança aos signos falaciosos e as tentativas de explicação da situação é que restaram mentirosas.

Ao invés de tentar investigar o que se passa em um ambiente coletivo por meio do que poderia ser chamado de ideologia ou discurso – algo articulado em um texto mais ou menos coerente –, pensamos aqui na chave anti-hermenêutica proposta por Gumbrecht (2010), que considera que o significado é metafísico, imaterial, logo, exige crença.

Os humores de um corpo, ao contrário, são referências “imediatas”, na medida em que são acionados por uma notícia que, mesmo sendo falsa, elabora o que já se sabia: assim, dá-lhe sentido. Gajanigo (2024) propõe aproximar a ideia de

paisagem afetiva à noção de atmosfera a partir do conceito heideggeriano de *stimmung*: o modo que alguém pode ser afetado.

Normalmente pensamos na consciência como algo que seria puro e que assim poderia proferir um discurso racional. Porém, a consciência não é independente do corpo, mas é seu efeito, de acordo com Nietzsche (2011). Ao ser o resultado de uma série de afetos, a racionalidade nada mais é do que uma paixão entre outras.

Não é raro que na semiótica se tenha também uma imagem do signo como uma “ideia”: algo racional, mais ou menos coeso ou minimamente discursivo, articulado em linguagem. Entretanto, Peirce (1994) entendia que há nele dimensões (do interpretante) energética e emocional, intimamente relacionadas ao corpo.

Assim, é possível entender como notícias falsas funcionam: ao se acoplarem a afetos verdadeiros, modalizam o pensamento. Estar em determinada atmosfera é estar em um ambiente sujeito a contágios afetivos que poderão modificar nosso estado de ânimo, aquilo que não é um discurso, diz Gajanigo (2024, p. 14):

Se atmosfera engloba os corpos, ela é algo que está para além do que eles emanam. Portanto, o que daria a unidade necessária para se identificar uma atmosfera? Não seria uma certa harmonia entre os corpos, no sentido de haver algo que os conecta e que dá um certo tom comum a eles?

De um ponto de vista pragmático, é possível pesquisar não a “verdade” contida em um signo, mas identificar que tipo de efeitos corporais é capaz de mobilizar e como esses estados de espírito podem fornecer sentido a conteúdos questionáveis. De acordo com Preciado (2023), nosso corpo é uma “somateca”, um arquivo de sensações e de signos que se acumulam e que são geridos politicamente. Parece interessante usar a noção de *stimmung* como algo que diz respeito mais a disposições passageiras ou repentinas do que a uma estrutura de sentimento que poderia ser mais coesa ou duradoura e talvez até descrita de forma mais precisa.

A movimentação política atual ocorre por meio de cibercontecimentos (Henn, 2013) que mobilizam tanto pautas quanto afetos que as tornam relevantes para a discussão pública. Se é possível ver como contraditórios os posicionamentos ou declarações que fazem parte dessa arena semiopolítica, talvez isso ocorra por elas serem tomadas em uma leitura hermenêutica. Reinhardt e Cesarino (2024)

entendem que a eficácia do bolsonarismo está justamente em administrar um clima: a partir da manutenção de conflitos, pânicos morais e sentimentos persecutórios. Diferentemente das condições que deram origem ao termo, esse seria o estágio “atmosférico” do fascismo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar a caça às bruxas, Lotman (2008) explicou que não era a ameaça do objeto que criava o medo, mas o medo das bruxas que as tornava uma ameaça. Ou seja, uma mensagem pode não fazer sentido num dado momento, mas com um certo estado de humor que pode ser incentivado e razoavelmente atingido, aquilo que antes não fazia sentido pode passar a fazer.

Se levarmos isso em conta, teremos que pensar que há signos que podem não estar querendo “fazer sentido”: ao invés de disputar o monopólio da verdade ou buscar o confronto de ideias, estão participando de uma paisagem afetiva, uma atmosfera da qual pode derivar o que depois será considerado “verdade” ou o que “fará sentido” – mesmo que seja um *nonsense* compartilhado.

REFERÊNCIAS

GAJANIGO, Paulo. Estrutura de sentimentos, *Stimmung* e atmosfera: uma proposta de sistematização do emergente *Mood Studies*. **Sociologias**, [S. l.], v. 26, n. 63, p. e-soc122908, 2024.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

HENN, Ronaldo. O ciberacontecimento. In: VOGEL, Daisi; MEDITSCH, Eduardo; SILVA, Gislene. **Jornalismo e acontecimento**: tramas conceituais. Florianópolis: Insular, 2013, p. 21-34.

LOTMAN, Yuri. Caza de brujas: la semiótica del miedo. **Revista de Occidente**, n. 329, p. 5-33, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. 3. ed. São Paulo: Editora Escala, 2011.

PEIRCE, Charles Sanders. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Vols. I-VI ed. Charles Hartshorne and Paul Weiss (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1935), Vols. VII-VIII ed. Arthur W. Burks: 1994.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Dysphoria mundi**: o som do mundo desmoronando. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

REINHARDT, Bruno; CESARINO, Leticia. Fascismo atmosférico: o bolsonarismo como cronopolítica. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, Niterói, v. 56, n. 2, p. e59314, maio/ago. 2024.